

ARQUIVOS E HISTORIOGRAFIA SOBRE SANTA CATARINA (1977-2002)

Janice Gonçalves

Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC

Iniciativas no sentido de detectar e compreender linhas interpretativas presentes nos estudos sobre a história de Santa Catarina e assumidas por seus principais autores têm se mostrado, a partir da década de 1980, cada vez mais freqüentes e significativas. Walter Piazza, no livro *Santa Catarina - sua História*, publicado em 1983, comenta aspectos da historiografia catarinense e discute as fontes para sua história. Antes mesmo dessa publicação, Piazza já esboçara, no texto "Elementos básicos da história catarinense", um balanço das principais produções acerca da história de Santa Catarina, desde inícios do século XIX, bem como do que entendeu serem seus traços fundamentais.ⁱ Walter Piazza ainda orientou dissertação de mestrado enfocando a historiografia de Santa Catarina, ou, como denominou seu autor, Valter Manoel Gomes, "as formas do pensamento historiográfico catarinense", com vistas a identificar "o modo catarinense de pensar a História de Santa Catarina". Gomes procura delimitar tal pensamento historiográfico em função de seu "catarinensismo", da defesa dos "pontos de vista de Santa Catarina e, em conseqüência, seus projetos coletivos, suas esperanças, seus interesses, sua versão, sua verdade relativa." Élio Cantalício Serpa vislumbra no trabalho de Valter Gomes a postura predominante entre os membros do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, no que se refere a uma preocupação marcante com a questão identitária em termos regionais (Gomes e seu orientador, aliás, são sócios do IHGSC).ⁱⁱ

Ainda na esfera acadêmica, alguns trabalhos procuraram se debruçar mais intensamente sobre uma determinada produção intelectual, caso da dissertação de mestrado de Maria Teresa Santos Cunha, que focaliza, em especial, os artigos do militar Lucas Alexandre Boiteux publicados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. A dissertação de mestrado de Cristina Ferreira, por sua vez, busca situar os trabalhos de José Deeke (cartógrafo, agrimensor e diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática de Ibirama nas décadas iniciais do século XX), no contexto de tensões, confrontos e ambigüidades envolvendo a construção de uma identidade "germânica" e uma "brasileira" no Vale do Itajaí. No mesmo ano da defesa da dissertação de Cristina Ferreira, Beatriz Koneski Santangelo apresentou dissertação sobre a produção historiográfica referente a Itajaí. No ano anterior (1997), Patrícia de Freitas defendeu dissertação de mestrado examinando a abordagem das populações afrodescendentes em Santa Catarina nas obras de Oswaldo Cabral e Walter Piazza.ⁱⁱⁱ

Proposta de caracterização geral da historiografia sobre Santa Catarina foi apresentada por Cristina Scheibe Wolff, em 1994, na *Revista Catarinense de História*, e reexaminada dois anos

depois, na mesma revista, por Norberto Dallabrida.^{iv} Em linhas gerais, Cristina S. Wolff entende que a historiografia "recente" sobre Santa Catarina (produzida a partir da década de 1940) estaria marcada por duas vertentes: a abordagem "tradicional" (com abrangência estadual ou local) e a abordagem "temática". Wolff orienta-se pela discussão feita por Peter Burke acerca do "paradigma tradicional" em *História*, identificável por sua narrativa pretensamente objetiva de acontecimentos, sem problematização, que enfatiza a esfera do político e a perspectiva das elites (história vista "de cima") e privilegia os registros oficiais (conforme Burke, "emanados do governo e preservados em arquivos") bem como os personagens que neles são mais constantes.^v

De forma similar ao que acontece com o texto de Peter Burke, no artigo de Cristina Scheibe Wolff as características da historiografia tradicional são melhor definidas do que as da historiografia que a ela se contrapõe (em Burke, a "nova história", em Wolff, a "abordagem temática"). A "abordagem temática", "centrada em temas e questões-problemas", abarcaria diferentes recortes no interior do campo histórico — história demográfica, história econômica, história cultural — e diferentes posicionamentos teóricos — tanto historiadores marxistas como, sobretudo a partir de fins dos anos 1980, historiadores afinados com os debates contemporâneos que valorizam a dimensão do fragmentário, os sujeitos habitualmente excluídos do discurso histórico e a diversidade cultural. Em relação a este último grupo, destaca, como trabalho precursor, a dissertação de mestrado de Hermetes Reis Araújo (de 1989), seguida de outros trabalhos defendidos ainda no início da década de 1990, como os de Henrique Luiz Pereira Oliveira, Maria Bernardete Ramos Flores e Joana Maria Pedro.^{vi}

A classificação atribuída por Cristina Scheibe Wolff à historiografia catarinense "recente", vista pela própria autora como "provisória, sem pretensões de ser absoluta", "experimental", é discutida e questionada, em alguns pontos, por Norberto Dallabrida. Se o autor não apresenta grandes discordâncias quanto à caracterização do que seria a produção de linhagem "tradicional", compreende, contudo, que ela teria emergido nos inícios da República, definindo "um novo momento historiográfico" em relação à produção anterior (que, entre meados do século XVIII e fins do XIX, foi realizada por membros da "elite administrativa, militar e eclesiástica" e por viajantes estrangeiros). Há coincidência entre os dois autores no entendimento de que o fim dos anos 1980 assinala "uma nova conjuntura historiográfica catarinense", "marcada pela exploração de novos objetos históricos, que demandam novas abordagens". No entanto, Dallabrida procura destacar que sinais de mudanças já seriam visíveis na década de 1970, não somente em função da criação do Mestrado em História na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1975, mas também da produção de autores como Sílvio Coelho dos Santos e Américo Augusto da Costa Souto — o primeiro, apresentando um olhar antropológico sobre a história catarinense, na sua *Nova História de Santa Catarina* (1974); o segundo, interpretando esta história numa perspectiva braudeliana, no

trabalho *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII a 1960)*, publicado em 1980, e que, do ponto de vista teórico-metodológico, teria sido a "ruptura mais significativa em relação à 'história tradicional' catarinense".^{vii}

Aspecto que não pode ser desconsiderado é que Cristina Scheibe Wolff e Norberto Dallabrida situam-se, concretamente, com seus próprios trabalhos, na vertente que teria sido inaugurada em fins dos anos 1980. E, nos últimos anos, têm surgido coletâneas — *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*, *Visões do Vale*, *História de Santa Catarina no século XIX* — que em geral não só disseminam, mesmo parcialmente, dissertações e teses recentemente produzidas, como posicionam-se contra a história dita tradicional ou oficial de Santa Catarina — contra, fundamentalmente, uma história caracterizada como linear, factual, acrítica, excludente, positivista.^{viii}

Afirma-se atualmente, portanto, a existência de uma "nova geração" de historiadores catarinenses, forjada a partir de fins dos anos 1980. Sua "novidade" residiria na abordagem dos objetos (problematizadora), na postura frente aos objetos e às fontes (crítica), na eleição dos sujeitos históricos (preferência pelos tradicionalmente "excluídos"), nos distintos critérios de periodização (maior sensibilidade quanto à complexidade das temporalidades históricas), nos diferentes procedimentos de eleição dos eventos históricos estudados e até mesmo nas fontes compulsadas e analisadas (recurso a uma maior diversidade de fontes, para além da documentação administrativa pública de caráter arquivístico).^{ix}

Tomando como principal referência as dissertações e teses em História geradas no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina, entre 1977 e 2002, a pesquisa "Arquivos e Historiografia sobre Santa Catarina (1977-2002)", atualmente em andamento, pretende identificar, na produção da "nova geração" de historiadores catarinenses, a documentação predominantemente consultada e o peso efetivo, nela, dos documentos de arquivo (em especial, dos arquivos públicos). Objetiva-se ainda avaliar se a documentação arquivística têm, nos trabalhos identificados a esse movimento de renovação historiográfica, recebido tratamento diferenciado em relação ao que lhe é costumeiramente dispensado pelos historiadores das "velhas" gerações. Os dados adiante apresentados e comentados são parciais, uma vez que a pesquisa ainda não foi concluída (referem-se a aproximadamente 45% da produção da UFSC e 43% da produção total), mas entendemos que sua divulgação já apresenta interesse.^x

Entre 1977 e 2002, o programa de Pós-Graduação em História da UFSC produziu 198 dissertações de mestrado e, mais recentemente, 5 teses de doutorado. Predominam as dissertações e teses sobre aspectos da história de Santa Catarina (169 e 3, respectivamente), seguindo-se, em menor número, entre os trabalhos que apresentam recorte espacial claramente definido, aqueles relativos à história do Rio Grande do Sul (13), Paraná (9), Ceará (2), Roraima (2), Espírito Santo

(1), Minas Gerais (1) e Rio de Janeiro (1). Convém lembrar que o universo de teses e dissertações em História referentes a Santa Catarina envolve igualmente outras instituições superiores de ensino — USP, UNICAMP, PUC-SP, PUC-RS, UFRGS, UFPR, UnB, UNISINOS, UFPE, FESP —, mas é a UFSC que concentra a maior parte da produção (77%).

As linhas de pesquisa, os professores orientadores e o volume de trabalhos produzidos permitem delinear diferentes momentos do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

A fase de implantação do Programa, apenas com mestrado, assinala a primeira defesa em 1977, a segunda em 1978, e uma verdadeira explosão de defesas em 1979: 20 ao todo, sendo 19 sobre Santa Catarina. Note-se que, até agora, 1979 foi o ano com o maior número de defesas de dissertações, mantendo-se o volume da produção dos anos seguintes em patamares consideravelmente mais baixos, o que é alterado em meados da década de 1990: em 1996, foram defendidas 16 dissertações, 12 sobre Santa Catarina; em 1997, 17 dissertações, sendo 16 sobre Santa Catarina; em 1998, 18 dissertações (todas sobre Santa Catarina); em 1999, 12 dissertações, 10 sobre Santa Catarina; em 2000, 13 dissertações e uma tese de doutorado (sendo 11 dissertações sobre Santa Catarina); em 2001, 18 dissertações e uma tese (sendo 16 dissertações sobre Santa Catarina); em 2002, 15 dissertações e 3 teses, todas sobre Santa Catarina.

Nas dissertações inicialmente defendidas, é marcante a presença dos orientadores estrangeiros, com predomínio de norte-americanos: até 1980, Errol Dean Jones, George Philip Browne, Kendall Walker Brown, Lawrence James Nielsen, Roger Frank Colson (este, inglês); integrados ao Programa em seus anos iniciais, o argentino Ernesto Aníbal Ruiz e o uruguaio Aníbal Abadie-Aicardi permaneceram orientando dissertações por um período consideravelmente maior (Abadie-Aicardi orientou dez dissertações, defendidas entre 1981 e 1995; Ruiz, 9 dissertações, defendidas entre 1980 e 2000). Ainda na fase de implantação, tiveram papel importante vários estudiosos vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina que à época também pertenciam ao corpo docente da Universidade, a começar do próprio coordenador inicial do curso, Walter Piazza.^{xi} Entre 1986 e 1993, as dissertações defendidas foram orientadas exclusivamente por Aníbal Abadie-Aicardi, Carlos Humberto Corrêa, Ernesto Aníbal Ruiz, Marly Anna Fortes Bustamante Mira, Rufino Porfírio Almeida e Valberto Dirksen (este último, apenas uma dissertação em 1993). A partir de 1994, passam a atuar outros professores orientadores, com destaque para as professoras Joana Maria Pedro e Maria Bernardete Ramos que, entre 1994 e 2002, serão responsáveis pela orientação, respectivamente, de 18 e 22 dos trabalhos defendidos.

A formação e os interesses dos professores orientadores certamente influenciaram as linhas de pesquisa do Programa e suas reformulações. *Grosso modo*, nas dissertações de mestrado defendidas até 1993 predominam as preocupações com a história demográfica, a história econômica e a história política ou político-administrativa, cabendo considerar ainda os esforços de

sistematização e disponibilização de dados acerca da documentação de interesse para a história de Santa Catarina, na forma de instrumentos de pesquisa (esforços que são visíveis nos trabalhos orientados pelo professor Aníbal Abadie-Aicardi). A última década assinalou a aproximação cada vez mais acentuada do Programa em relação à chamada "história cultural", de tal forma que veio a tornar-se a própria área de concentração das dissertações e teses.^{xii}

Nas pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, destacam-se, entre os acervos mais intensa e freqüentemente consultados, o do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (não só a documentação manuscrita mas, em especial, a documentação impressa, como relatórios governamentais e a legislação) e o da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (essencialmente, sua coleção de periódicos), bem como o do Arquivo Histórico e Eclesiástico de Santa Catarina (particularmente no caso das dissertações voltadas para a história demográfica). Nos trabalhos voltados mais especificamente para aspectos locais, os arquivos municipais institucionalizados, que garantem efetiva e cotidianamente o acesso aos documentos públicos, também foram alvo de consultas, sobretudo os arquivos municipais de Blumenau, Itajaí e Joinville. A variedade de temas, porém, ampliou enormemente o leque de acervos de interesse para os pesquisadores, que inclui diversos arquivos pessoais, arquivos de empresas, arquivos cartoriais, bibliotecas especializadas e museus.^{xiii}

No entanto, se tomarmos como referência dois anos com grande concentração de trabalhos defendidos, um no início do Programa (1979) e outro já no período de consolidação de novas linhas de pesquisa (1997), e analisarmos a relação que os autores estabeleceram com suas fontes, poderemos talvez ter elementos mais concretos para pensar as mudanças que costumam ser associadas aos anos mais recentes.

As 19 dissertações de 1979^{xiv} tenderam a abordar predominantemente o período entre a segunda metade do século XIX e a década de 1930, embora alguns trabalhos tenham incluído explicitamente o tempo presente em suas reflexões (como as dissertações de Sueli Petry e Reinaldo Pick). Em termos espaciais, voltam-se predominantemente para a área de Desterro/Florianópolis, o norte (especialmente Vale do Itajaí) e sul da Província/Estado, muitos deles fazendo girar sua análise em torno da história de determinadas instituições (caso das dissertações de Bossle, Colombi, Hack, Pacheco, Pick, Vieira). Neste sentido, os arquivos das instituições envolvidas foram elemento-chave nas pesquisas, da mesma forma que os documentos de arquivo das paróquias e cartórios, para os trabalhos de demografia (Barreto, Barros, Flores). São uma constante, nos comentários dos autores, as referências à falta de organização da documentação consultada, ao extravio ou à dificuldade de localização de documentos, às dificuldades de acesso a esses materiais. Assim, dando prioridade, de forma geral, aos documentos de arquivo, e encontrando inúmeros

problemas para o levantamento de dados, os autores vão recorrer a outras fontes (fontes orais, periódicos) quase sempre no intuito de suprir as lacunas detectadas.

No caso das 16 dissertações de 1997,^{xv} há um interesse nitidamente maior pelo século XX, em especial a partir da década de 1920 (apenas uma dissertação debruçou-se exclusivamente sobre o século XIX), sendo que quatro dissertações abarcaram claramente o tempo presente em suas considerações (as de Bitencourt, Coelho, Lohn e Zimmer). De forma similar às dissertações de 1979, as de 1997 assinalam o predomínio de pesquisas envolvendo a capital, o norte (especialmente Vale do Itajaí) e o sul do Estado. E, embora possam ser assinaladas algumas permanências temáticas (ensino, colonização e imigração, industrialização, religiosidade, campanha de nacionalização), surgem mais fortemente as preocupações com identidades (de gênero, étnicas, locais), memória e cotidiano. Tais preocupações certamente determinaram o privilegiamento de fontes compreendidas pelos autores como mais capazes de fornecer dados a este respeito: fundamentalmente, fontes orais, periódicos (sobretudo jornais) e registros fotográficos (os registros fotográficos, mesmo quando integrando arquivos pessoais ou institucionais, não costumam ser compreendidos como documentos de arquivo pelos pesquisadores, em geral sendo trabalhados de forma isolada e descontextualizada quando à sua produção). Observa-se, portanto, quase uma inversão do quadro anterior, embora a documentação propriamente arquivística não tenha deixado de ser significativa para as pesquisas realizadas.

Caberia interrogar: os arquivos institucionais e pessoais não fornecem, eles mesmos, elementos para refletir acerca da constituição de memórias e identidades, entre as várias dimensões do cotidiano? os arquivos públicos estão irremediavelmente "contaminados" por uma ótica oficial, ou não ofereceriam, especialmente em alguns conjuntos documentais, elementos significativos para a compreensão das relações entre cidadãos e órgãos do Estado, nas suas negociações e tensões cotidianas? e, se a ótica das elites está igualmente presente em muitos outros documentos disponíveis para a pesquisa, convém ao pesquisador abandoná-los? jornais, registros fotográficos, depoimentos orais e documentos administrativos não põem em causa, necessariamente, questões gerais sempre presentes nas complexas (e críticas) relações dos historiadores com os documentos?

NOTAS

ⁱ PIAZZA, Walter F. Elementos básicos da história catarinense. In: **Fundamentos da cultura catarinense**. Rio de Janeiro: Laudes, 1970. p.21-48; PIAZZA, Walter F. Historiografia catarinense e fontes para a história. In: **Santa Catarina: sua História**. Florianópolis: Ed. da UFSC, Lunardelli, 1983. p.15-36.

ⁱⁱ GOMES, Valter Manoel. **Formas do pensamento historiográfico catarinense**. Florianópolis: 1985. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. p.38. SERPA, Élio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v.14, n.20, 1996, p.63-79 (para a referência a Gomes, ver p.76-77).

ⁱⁱⁱ CUNHA, Maria Teresa Santos. **A contribuição historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro (1911-1957)**. Florianópolis: 1982. Dissertação (Mestrado em História). UFSC; FERREIRA, Cristina. **Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí**. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em História). UFSC; SANTANGELO, Beatriz Koneski. **Sobre Itajaí: uma discussão historiográfica**. Florianópolis: 1998. Dissertação (Mestrado em História). UFSC; FREITAS, Patrícia de. **Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia de Santa Catarina**. Florianópolis: 1997. Dissertação (Mestrado em História). UFSC.

^{iv} WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.2, 1994, p.5-15. DALLABRIDA, Norberto. A historiografia catarinense e a obra de Américo da Costa Souto. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.4, 1996, p.9-19.

^v BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. S.Paulo: Editora da UNESP, 1992. (Biblioteca básica). especialmente p.8-15. Para WOLFF (op.cit., p.9-10), autores como Walter Piazza, Oswaldo Cabral, Jali Meirinho e Carlos Humberto Corrêa seriam historiadores tradicionais mais afinados com a abordagem "estadual tradicional", enquanto Licurgo Costa, um estudioso da região de Lages, seria um historiador da vertente "tradicional local". A autora comenta ainda que, em várias dessas obras, "especialmente as obras mais gerais", deixam de ser citadas "as fontes utilizadas e os arquivos nos quais poderiam ser encontradas, dificultando bastante o trabalho de verificação e de aprofundamento do estudo." (p.9).

^{vi} ARAÚJO, Hermetes Reis. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo: 1989. 216p. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP; OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira e. **Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelações das condutas em Desterro (1828-1887)**. 1990. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP; FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Teatros da vida, cenários da história: a Farra do Boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina - leitura e interpretação**. 1991. Tese (Doutorado em História). PUC-SP; PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe - papéis sociais femininos na sociedade de Desterro/Florianópolis (1880-1920)**. São Paulo: USP, 1992. Tese (Doutorado em História). Sintomaticamente, três das dissertações mencionadas foram desenvolvidas junto à PUC-SP.

^{vii} DALLABRIDA, op.cit., p.10-11, 14 e 18-19. Dallabrida entende ainda que a "história tradicional", na sua "vertente de abrangência estadual", apresenta distintos momentos, que podem ser, *grasso modo*, representados por autores como Lucas Alexandre Boiteux, Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza. Também destaca a influência das universidades paulistas na produção gerada a partir do final da década de 1980. Quanto a Américo Augusto da Costa Souto, cabe lembrar que, em 1974, apresentou à UFSC a tese de livre-docência em História intitulada **Uma tentativa de história econômica regional: a indústria de Blumenau e a exportação-importação de Santa Catarina (1930-1939)**.

^{viii} No livro *Visões do Vale* (FERREIRA, Cristina, FRÓTSCHER, Méri (orgs.). **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000), as organizadoras destacam que os ensaios reunidos "questionam o 'paradigma tradicional' da História, entendido enquanto uma narrativa linear, factual e acrítica" (p.7). A maior parte dos trabalhos ali presentes "parte da perspectiva da História-problema (...)" e da "convicção de que não há neutralidade na construção do saber histórico, de que o historiador não 'resgata' o passado tal como ele ocorreu, visão por demais ingênua, perspectiva positivista da História, e que permeia muitos dos trabalhos historiográficos existentes também em nosso meio", procurando ainda dar "visibilidade a personagens que muitas vezes permanecem à margem ou mesmo excluídos da historiografia regional, como os indígenas, os negros, as mulheres, os operários, entre outros, aqui qualificados enquanto sujeitos e não como meros coadjuvantes do processo histórico." (p.8). Já Ana Brancher e Henrique Pereira Oliveira, na "Apresentação" do livro *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*, destacam que os artigos ali reunidos procuram assinalar uma ruptura com "a chamada 'história tradicional'", e que "os trabalhos desta nova geração começaram a aparecer no final dos anos 80, tendo em comum, primeiramente, a preocupação de definir o tema de investigação vinculado a formulação de um problema." (BRANCHER, A., OLIVEIRA, H.P. "Apresentação". In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p.9). Acentuam, ainda, a preocupação com outros sujeitos históricos, como "as mulheres trabalhadoras, os indígenas e os afrodescendentes, apenas para citar aqueles que comparecem nos textos desta coletânea." (p.9). Américo da Costa Souto e Norberto Dallabrida, no "Prefácio", à *História de Santa Catarina no século XIX*, destacam que a coletânea "é mais uma produção da nova geração de autores no campo historiográfico de nosso Estado, apresentando releituras históricas críticas e sedutoras, e superando, assim, o que até há pouco predominava, ou seja, o tradicionalismo da História política e narrativa." (SOUTO, A.da Costa, DALLABRIDA, N. "Prefácio". In:

BRANCHER, Ana, AREND, Sílvia M. F.(orgs). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p.10). Acrescente-se que o viés excludente da corrente entendida como "tradicional" é freqüentemente assinalado na produção historiográfica da última década, em especial em relação aos afrodescendentes. Ver, a este respeito: CARDOSO, Paulino de Jesus. Apresentação. In: CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas**. Florianópolis: Insular, 2000. p.15-22 (esp. p.21); LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: LEITE, Ilka B. (org.). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. p.33-53 (esp. p.43); também a dissertação de mestrado anteriormente citada de Patrícia de Freitas.

^{ix} Quanto à nova geração de historiadores e sua relação com as fontes, ver: BRANCHER e OLIVEIRA, p.9; WOLFF, op.cit., p.14. Paulino de Jesus Cardoso matiza em alguma medida tais posições, ao assinalar que a "perspectiva do vencedor" não está necessariamente apenas na documentação administrativa pública (como "as falas dos presidentes da Província de Santa Catarina"), mas é igualmente perceptível nos jornais e em relatos de viajantes (CARDOSO, op.cit, p.22).

^x A pesquisa está sendo desenvolvida junto ao Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC desde agosto de 2002, e conta com a participação do graduando em História Felipe Matos, bolsista de iniciação científica (PROBIC).

^{xi} PIAZZA, Walter F. Uma idéia e os seus resultados. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História. **Catálogo de dissertações**. Florianópolis: 1998. p.17-20.

^{xii} Para informações sobre as linhas de pesquisa criadas no Programa, bem como suas alterações, ver: "Histórico do Programa". In: Programa de Pós-Graduação em História. **Catálogo de dissertações**. Florianópolis: 1998. p.21-28.

^{xiii} Vale referir, por exemplo, os arquivos pessoais de Aldo Beck, Antonio Carlos Marega e E.M.Alcântara; os arquivos da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá, da Companhia Carbonífera Metropolitana, da Companhia Carbonífera de Urussanga, do Colégio Catarinense, do Centro Educacional Dom Jayme de Barros Câmara, do jornal "O Estado"; as bibliotecas do DER-SC, do IBGE-SC, do IPUF e do Tribunal de Justiça; o Museu Histórico de Laguna, o Museu Universitário Prof. Osvaldo R. Cabral.

^{xiv} ALMEIDA, Rufino Porfírio. **Um aspecto da economia de Santa Catarina - a indústria ervateira**: o estudo da Companhia Industrial; BALDIN, Nelma. **A Intendência da Marinha de Santa Catarina e seu papel na ocupação da Província Cisplatina (1817-1832)**; BARRETO, Maria Theresinha S. **Os poloneses do Alto Vale do Tijucas**: um estudo de história demográfica (1880-1950); BARROS, Edy Alvares Cabral de. **A freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio: 1841 a 1910 - a sua transição demográfica**; BOSSLE, Ondina P. **Henrique Lage e o desenvolvimento sul-catarinense**; COLOMBI, Luiz Vendelino. **Industrialização de Blumenau**: o desenvolvimento da Gebrüder Hering, 1880-1915; FLORES, Maria Bernardete Ramos. **História demográfica de Itajaí - uma população em transição, 1866-1930**; HACK, Osvaldo Henrique. **A história da Igreja Presbiteriana em Florianópolis, 1898-1930**; HILLESHEIM, Anselmo Antonio. **O crescimento do mercado interno numa colônia do Império**: o caso de Blumenau, 1850-1880; HÜBENER, Laura. **O movimento comercial do porto de Nossa Senhora do Desterro no século XIX**; MARTINS, Valmir. **A contribuição do imigrante para o desenvolvimento das relações capitalistas de produção no sul do Estado de Santa Catarina**; MEIRINHO, Jali. **A república em Santa Catarina (1889-1900)**; MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino em Santa Catarina (1930-1940)**; PETRY, Sueli M.V. **Os clubes de caça e tiro em Blumenau**; PACHECO, Darcy. **Um estudo sobre a Junta da Real Fazenda de Santa Catarina, período 1817-1831**; PEDRO, Joana Maria. **O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, SC**: uma resposta ao mercado local, 1900-1950; PICK, Reinaldo João. **O Colégio Catarinense, um marco na história da educação em Santa Catarina**; SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. **Colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim**; VIEIRA, Amazile de H. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis**.

^{xv} BITENCOURT, João Batista. **Clio positivada**: a artesanaria da cidade histórica de Laguna; BRUHNS, Katianne. **Espaços de sociabilidade e o idioma**: a campanha de nacionalização em Joinville; CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964); COELHO, Mário César. **Moderna ponte velha**: imagens & memória da ponte Hercílio Luz; FONTOURA, Arselle de Andrade da. **Por entre luzes e sombras... Hospital Colônia Santana**: (re)significando um espaço da loucura; FREITAS, Patrícia de. **Margem da palavra, silêncio do número**: o negro na historiografia de Santa Catarina; LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do atraso, campos modernos**: análise dos discursos da Extensão Rural em Santa Catarina (1956-1975); MARIA, Maria das Graças. **Imagens invisíveis de Áfricas presentes**: experiências negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940); NIEBUHR, Marlus. **Memória e cotidiano do operário têxtil na cidade de Brusque/SC**: a greve de 1952; OSTETTO, Lucy Cristina. **Vozes que recitam, lembranças que se refazem**: narrativas de descendentes de italianos(as) - Nova Veneza, 1920-1950; SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. **Protocolo do bom cidadão - Série Fontes**: lições de moral e civismo na organização da educação em Santa Catarina (1920-1950); SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e memória**: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis; SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. **Uma mulher além do seu tempo**: Maura de Senna Pereira; SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalho e sociabilidades**: histórias de mulheres em Joinville no século XIX; WOLF, Juçara Nair. **Espaços de sobrevivência e sociabilidades**: uma análise do cotidiano em São Carlos, SC (1930-1945); ZIMMER, Roseli. **Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil**: as manifestações de germanidade de uma festa teuto-brasileira.